



Crianças desviadas, sexualidades monstruosas, educação pervertida: paisagens alteritárias de infâncias

Alexsandro Rodrigues¹, Jésio Zamboni², Leonardo Lemos de Souza³, Marcelo Santana Ferreira⁴ e Raquel Gonçalves Salgado⁵

Há limites a serem considerados quando se trata de pensar gêneros e sexualidades na escola, especialmente em relação às crianças? Como compreendê-los e enfrentá-los? Essas foram algumas das questões propostas para a composição deste dossiê, que agora assume a forma de um conjunto de artigos cujxs autorxs se permitiram desafiar por inquietações diante de cenas da vida social de crianças, em diferentes paisagens, marcadas por discursos e práticas moralizadoras, exclusões, violências e, também, resistências, acionadas pelas próprias crianças em seus movimentos de fuga e escape das redomas erigidas em nome da proteção, da educação e da civilização.

Não nos espanta que um dos mais terríveis assombros do ideal educativo na modernidade parece se encontrar na junção entre gênero, sexualidade, educação e infância. Nessa encruzilhada, o futuro da sociedade se desvirtua. Aprende-se o que não se deve. O anjo de candura cai e o que fica no seu lugar é o monstruoso. Provoca-se um desvio da rota do desenvolvimento, marcado pela

¹ Doutor em Educação e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: xela_alex@bol.com.br

² Doutor em Educação e professor colaborador Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jesiozamboni@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

⁴ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense.

⁵ Doutora Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Associada III da Universidade Federal de Mato Grosso.

teleologia imposta à vida humana, muito bem desenhada pela tradição do saber psicológico, que monta o script a ser cumprido pela criança, o qual, graças ao motor do progresso, tem como ponto de chegada o adulto adaptado, autossuficiente, coerente, racional, produtivo, competente e empreendedor. Essa teleologia é sustentada por uma ontologia centrada na heterossexualidade masculina branca e burguesa, que se consolida como “substância humana” e institui um “dever ser”, no qual se pautam políticas educacionais, concepções e práticas pedagógicas.

Nessa engrenagem, portanto, deparamo-nos com a centralidade dos discursos do desenvolvimento linear e das aprendizagens consideradas indispensáveis em se tratando da educação escolar das crianças. As tentativas de inclusão da “criança-monstro” na escola não são quase nada se a lógica educativa por inteiro não for perturbada pela abjeção. Meramente adaptar as crianças desviadas ao educar hegemônico é recair no processo de infantilização que torna a todxs subordinadxs à ordem social estabelecida. Como as crianças escapam dos processos de normalização? Como os discursos das crianças, as experiências e culturas que compartilham, se apresentam como alteridades a esse “dever ser”, que perpassa a rota única do desenvolvimento, o qual, além de ser fundamento de práticas pedagógicas, mais recentemente tem sido o mote para a disseminação de discursos e práticas moralizantes, produtoras de violências? Por quais vias elas se recusam a conformarem-se ao modelo de “criança boa e educada”, projetada no futuro como o “adulto do bem”, com competências para o exercício da cidadania perfeita e esperada? Como as crianças desmontam as idealizações dos adultos sobre elas?

As saídas que essas questões suscitam são múltiplas, decorrentes das intensas inventividades que constituem as crianças como metamorfoses contínuas e complexas. O dispositivo pedagógico, encarregado de bloquear essas fugas, institui-se por constantes vigilâncias das crianças pelos adultos, sejam educadorxs ou familiares. Vigilâncias que também reverberam nas relações entre as crianças em contextos escolares e extraescolares. Como elas burlam esse vigiar incessante? A sexualidade configura-se, nesse conjunto de problemas, como o foco de controle e a rota de fuga, a possibilidade de transgredir a norma do curso da vida, de modo a dar visibilidade a infâncias cujos deságues abrem trajetos para outros leitos.

Este dossiê é a materialização da provocação aceita e assumida por todxs aqueles interlocutorxs nos/dos estudos das crianças e das infâncias, nos/dos estudos de gênero, autorxs que, em suas diferentes reflexões teóricas e metodológicas, se aventuraram a problematizar os atravessamentos pedagógicos e normativos dos corpos infantis que transbordam as bordas impostas para os gêneros e as sexualidades. Com um olhar interseccional, a partir do qual



gênero, sexualidade, raça, classe social e idade se entrecruzam, xs autorxs deste dossiê assumiram o desafio de interrogar e enfrentar retóricas, políticas, práticas e imagens que, em nome do “bem comum da infância”, têm se constituído como dispositivos de colonização da infância pela ideia de inocência e de desenvolvimento como normas de sua existência nas escolas, nas famílias, nas artes, nas ciências e nas mais diferentes esferas da vida social.

Fissuras as mais diversas na aparelhagem familiar-educativa que se institui em torno da infância, captada assim como objeto naturalizado, são desenhadas nos textos a seguir. Texturas de uma infância sombria, perigosa, perturbadora afloram em variantes situações cotidianas. A produção de outras imagens e outras histórias, em narrativas dissidentes da infância, abrem sendas, indicam caminhos outros para encontrar as crianças, sobretudo onde menos esperamos por elas. Os trabalhos que compõem este dossiê acompanham a infância em pontos irruptivos de uma diferença, acolhem um estranhamento incisivo e encaminham um pensamento nas trilhas indicadas por essas “crianças problema”. Sedução da alteridade, a infância não se prende ao ideal de pureza, mas convoca à saída da estabilidade racional da adulez, da maturidade.

As crianças desviadas que se encontram no coração de cada texto adiante inspiram deslocamentos radicais nos modos de pensar e expressar. Por isso, as textualidades inusitadas ensaiando escritas disformes tornam-se inevitáveis. É preciso inventar, nos múltiplos encontros desviantes com as crianças, jeitos outros de dizer. Tudo se passa como se nossos regimes habituais de conhecimento capengassem diante da potência perturbadora da infância. Os modos corriqueiros de codificação da experiência, de enunciação das ideias e de tradução de valores desarticulam-se nas brechas de escritas sendo arranjadas no percurso do pensamento, perseguindo os rastros fugidios da infância. Os artigos operaram, em táticas singulares, deslocamentos textuais múltiplos, necessários para traçar os descaminhos de uma infância desajustada aos aparatos de controle e idealização.

As cenas escolares e as imagens de infância viabilizadas pelos artigos nos convidam a uma analítica dos estabelecimentos de ensino e da educação, além de a um exercício interpretativo sobre a produção de infâncias desordeiras, parte dos processos de elaboração de modos de existência legítimos, lembrados e imaginados quando fragmentos de vida são convocados para o estabelecimento de uma política de escrita. A pluralidade de investigações e de perspectivas sobre a infância nos alegrou, com a abertura de uma possibilidade de partilha de inquietações de pesquisadorxs de diferentes instituições e localidades de nosso país e de fora dele, ajudando a instituir um campo investigativo e ético em que não se pode perder de vista



nosso desejo de respirar juntxs, para que não nos tornemos cúmplices do silenciamento, do descarte e da desqualificação de experiências dissidentes, assumindo a devida responsabilidade ética nos distintos campos em que nos encontramos.

Desviadas, as infâncias perturbam, sobretudo, as pedagogias, as planificações desenvolvimentistas, pervertendo a pretensão educativa. Quem aprende com as crianças somos nós, reconhecidos e responsabilizados como adultos ou seres completos na razão, a falácia de tal lógica deturpadora dos efeitos disruptivos dos gestos e signos crianceiros. Quem guia as análises efetuadas em variados sentidos nos artigos deste dossiê são crianças atentadas ao pudor dos poderes, escancarando-os e escandalizando-nos diante dos pressupostos de uma vida ordeira. A alegria contagiante que perpassa as texturas cambiantes desta nossa coleção de artigos é a de uma inquietação do pensar ao abrir perspectivas para encontrar as crianças tão raras, pois tão domesticadas e educadas, restritas aos circuitos estritamente codificados das relações familiares e escolares. As crianças raptadas pelxs autorxs em textos aqui podem, então, respirar os ares de uma sexualidade monstruosa para as expectativas normalizadas da nossa sociedade.

Convidamos a todxs, leitorxs deste dossiê, a se embrenhar nas paisagens alteritárias de infâncias, cujas existências resistem aos requisitos e às chancelas de uma vida modelar. Paisagens essas que, por destoarem do itinerário que conduz ao ponto de chegada previsível, têm suas imagens borradas e suas possibilidades rechaçadas. Neste tempo, em que os ecos das diferentes paisagens de nossas existências estão sendo alvos de ataques com a pretensão de silenciá-los, fica aqui o nosso convite para a escuta política das vozes de crianças e adultos, em suas relações e tensões, de modo que possam reverberar para espaços e tempos os mais diversos possíveis.

